



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Secretaria Geral Parlamentar
Secretaria de Documentação
Equipe de Documentação do Legislativo

JUSTIFICATIVA - PL 0642/2015

O presente projeto de lei institui o Prêmio PAGU Apoio e Manutenção aos Coletivos Artísticos de Trabalho Continuado Para a Cidade de São Paulo com o objetivo de fomentar o trabalho de grupos artísticos nas áreas de teatro, dança, música e circo, contribuindo para a democratização do acesso à cultura via criação do Festival Pagu na cidade e para a valorização histórica e cultural do município.

Patrícia Rehder Galvão, conhecida pelo pseudônimo de Pagu, (São João da Boa Vista, 9 de junho de 1910 - Santos, 12 de dezembro de 1962[2]) foi uma escritora, poeta, diretora de teatro, tradutora, desenhista, jornalista e militante político-artístico brasileira.

Em 1925, com quinze anos, passou a colaborar no Brás Jornal, assinando Patsy. Embora se tenha tornado a musa dos modernistas, Pagu não participou da Semana de Arte Moderna. Tinha apenas 12 anos em 1922, quando a Semana se realizou. Entretanto, aos 18 anos, pouco depois de completar o curso na Escola Normal da Capital (São Paulo, 1928) integra-se ao movimento antropofágico, sob a influência de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral.

Como desenhista e ilustradora, participou da Revista de Antropofagia, publicada entre 1928 e 1929, entre outras. O apelido Pagu surgiu de um erro do poeta modernista Raul Bopp, ao dedicar a ela, em 1928, o poema "Coco de Pagu".

Em 1931, ao participar da organização de uma greve de estivadores em Santos, Pagu foi presa pela polícia política de Getúlio Vargas. Foi a primeira de uma série de 23 prisões ao longo da vida. Depois de alguns anos de militância, em 1933, partiu para uma viagem pelo mundo, deixando no Brasil o marido Oswald de Andrade e o filho, Rudá. No mesmo ano publicou o romance Parque industrial, sob o pseudônimo de Mara Lobo.

Em 1935, foi presa em Paris como comunista estrangeira, com identidade falsa, sendo repatriada para o Brasil. Separou-se definitivamente de Oswald. Retomou sua atividade jornalística, sendo novamente presa e torturada pelas forças da ditadura de Getúlio Vargas, ficando na cadeia por cinco anos. Nesses cinco anos, seu filho foi criado por Oswald.

Ao sair da prisão, em 1940, rompeu com o Partido Comunista. Casou novamente com Geraldo Ferraz, e desta união nasceu seu segundo filho, Geraldo Galvão Ferraz, em 18 de junho de 1941. Passou a morar com os dois filhos e o marido. Nessa mesma época viaja à China, obtendo as primeiras sementes de soja que foram introduzidas no Brasil.

Em 1945, lançou novo romance, A Famosa Revista, escrito em parceria com o marido Geraldo Ferraz. Em 1952 frequentou a Escola de Arte Dramática de São Paulo, levando seus espetáculos a Santos. Ligada ao teatro de vanguarda, apresentou sua tradução de A Cantora Careca de Ionesco. Traduziu e dirigiu Fando e Liz de Fernando Arrabal, numa montagem amadora na qual estreava o jovem ator Plínio Marcos. Também traduziu poemas de Guillaume Apollinaire.

Conhecida como grande animadora cultural em Santos, lá passou a residir com o marido e os dois filhos. Conviveu e incentivou jovens talentos santistas que apenas começavam suas carreiras, como o ator e dramaturgo Plínio Marcos e o compositor Gilberto Mendes. Dedicou-se em especial ao teatro, particularmente no incentivo a grupos amadores.

Em 2004, foi publicado o Caderno de croquis de Pagu e outros momentos felizes que foram devorados reunidos, com 22 desenhos da artista.

Em 2005, a cidade de São Paulo comemorou os 95 anos de nascimento de Pagu com uma vasta programação, que incluiu lançamento de livros, exposição de fotos, desenhos e textos da homenageada, apresentação de um espetáculo teatral sobre sua vida e inauguração de uma página na Internet. No dia exato de seu nascimento, convidados compareceram com trajes de época a uma "festa Pagu", realizada no Museu da Imagem e do Som.

Pagu publicou os romances Parque industrial (edição da autora, 1933), sob o pseudônimo Mara Lobo, considerado o primeiro romance proletário brasileiro, e A Famosa Revista (Americ-Edit, 1945), em colaboração com Geraldo Ferraz. Parque industrial foi publicado nos Estados Unidos em tradução de Kenneth David Jackson, em 1994, pela University of Nebraska Press, e em França em tradução e edição crítica de Antoine Chareyre, em 2015.

Escreveu também contos policiais, sob o pseudônimo King Shelter, publicados originalmente na revista Detective, dirigida pelo dramaturgo Nelson Rodrigues, e depois reunidos em Safra Macabra (Livraria José Olympio Editora, 1998).

Em seu trabalho, junto a grupos teatrais, revelou e traduziu grandes autores até então inéditos no Brasil como James Joyce, Eugène Ionesco, Fernando Arrabal e Octávio Paz .

Por sua importância e histórico como artista, militante política e símbolo para a mulher brasileira, foi homenageada por livros, filmes, trabalhos acadêmicos e canções. Agora a comunidade de artistas de São Paulo vem indicar seu nome para prestigiar esse prêmio Cultural tão relevante para a cidade: O Premio PAGU - Apoio e Manutenção aos Coletivos Artísticos de Trabalho Continuado Para a Cidade de São Paulo.

Publicado no Diário Oficial da Cidade em 19/11/2015, p. 113

Para informações sobre o projeto referente a este documento, visite o site www.camara.sp.gov.br.